



A LUTA PELA TERRA E A FORMAÇÃO DO MST NO SEMIÁRIDO DO PIAUÍ

Marcones Herbert de Souza Lima Aguiar¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
E-mail: marcones.lima@ifma.edu.br

João Diógenes Ferreira dos Santos²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
E-mail: jdiogenes69@gmail.com

Historicamente, o campo brasileiro se construiu como um espaço de conflitos, a estrutura fundiária fortemente marcada pela concentração de terra, pode ser considerada como um dos elementos centrais da questão agrária no Brasil e que vem se aprofundando nas últimas décadas a partir do surgimento do agronegócio, e outros empreendimentos como madeiras e mineradoras. No Estado do Piauí, a realidade não é muito diferente, uma vez que a formação do grande latifúndio, resultado do estabelecimento de grandes fazendas de gado, resultou na exclusão de grande parte da população ao acesso a terra. Diante dessa realidade, os camponeses em diferentes momentos da história do país empreenderam lutas contra a concentração de terras no Brasil, neste sentido diversos movimentos sociais se construíram objetivando o acesso a terra e democratização do campo. Nos últimos 30 anos, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra - MST, constitui um dos maiores e principais movimentos sociais de enfrentamento ao grande latifúndio no Brasil e no Estado do Piauí, atuando de forma sistemática na defesa do direito ao acesso a terra pelos camponeses. Neste sentido, esta pesquisa destina-se a analisar e discutir o processo de luta pela terra e formação do MST no Estado do Piauí, na segunda metade da década de 1980, na região do semiárido piauiense. Para isso, procuramos analisar o processo de construção da primeira ocupação de terras do MST, realizada em solo piauiense no ano de 1989, que resultou na formação do assentamento Marrecas, localizado na cidade de São João do Piauí, e representou um marco da luta pela terra no Estado. O trabalho é construído a partir dos postulados teóricos de E. P. Thompson, levando em consideração o conceito de experiência que, na perspectiva thompsoniana, possibilita a mediação entre a ação concreta e a consciência, possibilitando a transformação de homens e mulheres em sujeitos da história, e sendo essencial para compreensão da formação do Movimento Sem Terra no país e no Piauí, a partir da ideia de *fazer-se* que nos possibilita entender o Movimento Sem Terra como algo dialético e não um fenômeno pronto e acabado. Além disso, faz-se importante observarmos o cenário no qual o MST surgiu, e para essa análise usaremos, principalmente, Eder Sader (1988) que nos apresenta as singularidades dos Movimentos Sociais no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Também utilizaremos autores que discutem a temática no âmbito nacional e estadual como Fernandes (2000) e Lima (2017), respectivamente. Para o desenvolvimento do referido trabalho lançamos mão em um primeiro momento da pesquisa bibliográfica, que nos

¹ Professor de História do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



possibilitou uma maior aproximação com a discussão proposta. Também recorremos à pesquisa documental no acervo das respectivas Secretarias Estaduais do MST e da Comissão Pastoral da Terra - CPT, e de documentos de arquivos particulares dos militantes. Dentro deste caminho metodológico, realizamos entrevistas que tenta reconstruir as memórias dos sujeitos que participaram e vivenciaram o processo de luta e construção do assentamento Marrecas no Piauí, em 1989, que procuraremos entender como o MST se organizou no Estado, a partir da luta concreta pela terra. As entrevistas foram de caráter semi-estruturadas e realizadas com as lideranças do Movimento e do processo de ocupação do assentamento Marrecas, assim entendendo que as memórias são o fio condutor desta pesquisa, e nesse trabalho a memória é pensada, principalmente, na perspectiva de Halbwachs (2003), deste modo, ainda é importante salientar que entendemos a memória como sendo uma reconstrução do passado e não o retorno do mesmo, por isso, a necessidade de analisá-las a luz da literatura disponível sobre a temática. Logo, analisar as ocupações terras e a formação do MST no semiárido piauiense é lançar um olhar, sobre as contradições do campo existente no Piauí, a partir daqueles que por muito tempo estiveram excluídos ao acesso a terra e a própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Questão agrária, Movimento Social. Memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, Marcos Fernandes. **O MST e a luta pela terra no Piauí: história e memórias familiares (1989 – 2014)**. 2017. 198 fl. Dissertação (Mestrado em História). UFMA, São Luís – MA.

SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, 329p.

THOMPSON, Edward P. **A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII**. Tradução Frederico Ágoas e José Neves. Lisboa: Antígona, 2008.

_____, Edward P. **A formação da classe operária: Árvore da Liberdade**. Tradução Denise Bottmann. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.